

Apresentação

O objetivo deste livro, *80 anos da vitória na Grande Guerra Patriótica: memória, reconstrução e perspectivas*, é lembrar, revisitar e investigar os principais acontecimentos da Grande Guerra Patriótica (1941-1945), além de abordar a questão da memória histórica na Rússia contemporânea. A importância desta obra se dá por dois motivos fundamentais. Primeiro, porque em 2025 celebram-se os 80 anos da derrota da Alemanha Nazista na Segunda Guerra Mundial. Segundo, porque nas últimas décadas temos observado no Ocidente um movimento que busca reinterpretar, questionar e, no limite, até mesmo rejeitar a contribuição soviética para a vitória contra o nazismo.

Mais do que isso, verifica-se em diversos países europeus, sobretudo nos países bálticos e na Ucrânia, um processo de reabilitação de figuras ligadas ao nazismo, conferindo-lhes o *status* de heróis nacionais, ao mesmo tempo que cresce a russofobia por todo o continente. É diante desse contexto que se torna imperativo resgatar a importância da contribuição soviética na Segunda Guerra Mundial e na formulação da Ordem Internacional que conhecemos hoje. Assim, este livro conta com a participação de acadêmicos brasileiros especializados em Rússia e no espaço pós-soviético, oferecendo uma visão abrangente e honesta sobre o papel decisivo da União Soviética para a derrota da Alemanha Nazista, bem como sobre os reflexos da Grande Guerra Patriótica na Rússia do presente. Os capítulos do livro, por sua vez, serão apresentados de forma relativamente cronológica, começando pelo passado (primeiros

seis capítulos) e avançando até os dias atuais (quatro capítulos na sequência). Sigamos então para uma prévia resumida do que cada texto objetiva trazer.

Ricardo Quiroga Vinhas abre a obra com o Capítulo 1 – A União Soviética e o início da Segunda Guerra Mundial: mitos e verdades, lançando luz aos eventos que precederam o conflito. O autor revela como as potências ocidentais (especialmente França e Inglaterra) não apenas toleraram, como facilitaram a ascensão do nazismo e o expansionismo de Hitler rumo à União Soviética. Vinhas demonstra como as advertências de Moscou sobre a ameaça alemã foram ignoradas por Inglaterra e França, que viam no avanço nazista para o Leste a chance de um embate destrutivo entre alemães e soviéticos. Nesse capítulo, o autor também traz à tona documentos históricos que evidenciam o papel fundamental da URSS na contenção e, posteriormente, na derrota do nazismo, contrariando as narrativas revisionistas do Ocidente.

Na sequência, os autores Túlio Cezar de Oliveira Bunder e Flávio Lira trazem o Capítulo 2 – A Operação Barbarossa e o fator petrolífero na Segunda Guerra Mundial. Nele, Bunder e Lira demonstram a importância do fator energético para a condução dos esforços de guerra da Alemanha Nazista, desempenhando papel crucial na decisão de Hitler de enviar seus exércitos para o Cáucaso russo. Tudo isso em busca de capturar os recursos naturais da União Soviética, especialmente o petróleo. Os autores exploram como a necessidade de combustível revelou-se uma das principais vulnerabilidades da máquina de guerra nazista, cuja derrota em Stalingrado sinalizou um ponto de inflexão no conflito, provando a solidez da resistência soviética e quebrando o mito da invencibilidade de Hitler.

Por sua vez, o autor João Claudio Platenik Pitillo, com o Capítulo 3 – Operação Vístula-Oder, a morte do Terceiro Reich, mostra como essa ofensiva devastadora entre janeiro e fevereiro de 1945 ajudou a selar o destino do Terceiro Reich, esmagando as últimas defesas nazistas no Leste Europeu. Pitillo mergulha nos bastidores dessa investida colossal, revelando os objetivos estratégicos de ambos os lados, as forças envolvidas e as batalhas decisivas que libertaram a Polônia e posicionaram o Exército Vermelho a poucos quilômetros de Berlim. Além dos combates em si, o autor analisa o impacto da propaganda nazista do período e o significado histórico dessa campanha no âmbito da Grande Guerra Patriótica.

Já no Capítulo 4 – Ocupação e libertação da “Cidade do Gelo”, Vera Gers Dimitrov trata da ocupação japonesa de Harbin, na China, a “Moscou do Oriente”, e sua libertação pelo Exército Vermelho ao final da Segunda Guerra Mundial. A autora mostra como Harbin, uma cidade que floresceu como um caldeirão cultural russo-chinês desde o final do século XIX, teve sua vida completamente alterada após a chegada dos japoneses, em 1932, e como a campanha soviética no Oriente libertou a cidade do jugo da dominação imperialista. O capítulo também investiga como a ferrovia e a presença russa moldaram Harbin nos anos que antecederam o conflito, revelando um exemplo das boas relações entre Rússia e China, as quais ganharam ainda mais importância nos dias atuais.

Na sequência, os autores Fred Leite Siqueira Campos, Beatriz Marcondes de Azevedo, Fábio Moreira de Oliveira, Ferdi Steinbach e Pedro Henrique Dadalt de Queiroz, no Capítulo 5 – O discurso de Vyacheslav Molotov de 1955, “A situação internacional e a política exterior do governo da URSS”: uma lembrança da vitória soviética na Grande Guerra Patriótica, resgatam importante fala de Molotov, comissário soviético de relações exteriores sob Josef Stalin, proferida dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Nesse discurso, Molotov faz reflexões críticas de cunho político e sociológico válidas até hoje, em um mundo em que narrativas históricas são frequentemente distorcidas pelo Ocidente. Os autores demonstram que revisitar as palavras de Molotov é mais do que um exercício acadêmico, trata-se de um ato de resistência à aparente afasia e à amnésia ocidental em relação ao papel soviético na Segunda Guerra Mundial.

Ainda sobre o passado, o autor Danilo Thomaz, no Capítulo 6 – “Nem tão amigos que não possam ser inimigos”: o Brasil entre “boa vizinhança” de Roosevelt e as ambições do Terceiro Reich, explora como as mudanças econômicas e políticas internacionais determinaram o comportamento ambíguo do Brasil comandado por Getúlio Vargas nos primeiros anos da guerra, antes de seu alinhamento definitivo com os Aliados. Com essa finalidade, Thomaz analisa a evolução da economia nacional desde a Primeira República, o impacto da Grande Depressão de 1929 sobre o Brasil e as estratégias de Vargas para garantir um papel relevante ao país na ordem mundial emergente.

Como transição do passado para o presente, temos o Capítulo 7 – Um elo com o passado: a influência da Grande Guerra Patriótica na formação de Vladimir Putin, escrito por Valdir da Silva Bezerra e Jonas Marcell Gomes Domingos. Nele, os autores mergulham na formação de Vladimir Putin, explorando o impacto da Grande Guerra Patriótica em sua visão de mundo e nas decisões mais marcantes de sua liderança. A abordagem adotada por Domingos e Bezerra é bastante personalista, baseada em relatos e lembranças do próprio Putin sobre as principais fases de sua vida e de sua família. Após mais de vinte anos no poder, Putin se tornou o símbolo de uma Rússia independente e soberana. Portanto, compreender sua trajetória e sua formação pessoal é tarefa fundamental para quem busca decifrar o futuro da Rússia e seu papel no tabuleiro geopolítico mundial.

Já no Capítulo 8 – Memória, trauma e verdade histórica: a Grande Guerra Patriótica e a (re)definição da identidade nacional russa no pós-Guerra Fria, Boris Perius Zabolotsky e Fabiano Pellin Mielniczuk abordam a questão da memória na Rússia contemporânea após o colapso da União Soviética e a turbulenta transição econômica e social da década de 1990. Em meio a um cenário recheado de crises, a memória da Grande Guerra Patriótica tornou-se um pilar essencial na reconstrução do orgulho nacional da Rússia e na reafirmação de sua posição como grande potência no cenário internacional. O capítulo investiga como a interseção entre trauma histórico, segurança ontológica e memória coletiva influencia a política externa russa e sua relação com o Ocidente até os dias atuais, num contexto de tensões geopolíticas cada vez mais crescentes. Para os autores, o apagamento do papel soviético na vitória contra o nazismo e a reabilitação de figuras colaboracionistas na Europa fazem ressoar na Rússia uma espécie de trauma do passado, influenciando em grande medida sua postura regional e internacional. Compreender essa dinâmica, defendem os autores, é essencial para entendermos os embates entre a Rússia e o Ocidente no século XXI.

No Capítulo 9 – “*Houston, we have a problem*”: o cinema e a disputa pela memória da Grande Guerra Patriótica, a autora Danielle Makio investiga como os cinemas estadunidense e soviético ajudaram a moldar as percepções públicas acerca da Segunda Guerra Mundial. Por meio da análise de filmes icônicos, Makio nos instiga a compreender como narrativas cinematográficas

construíram, reforçaram e, em alguns casos, revisaram a memória coletiva sobre o maior conflito da história humana, influenciando não apenas a visão que se tem hoje daquele passado, mas também o estado antagônico das relações geopolíticas envolvendo Moscou e as lideranças ocidentais.

Para fechar a obra, Fernando Roberto de Freitas Almeida e Pêrsio Glória de Paula analisam, no Capítulo 10 – O pensamento estratégico na URSS e na Rússia: política externa, autonomia e soberania econômica, como Moscou demonstrou resiliência estratégica em diversos momentos de sua história, contrariando as expectativas do Ocidente. Os autores evidenciam como a própria trajetória soviética e o ressurgimento da Rússia no plano internacional durante os anos 2000 expuseram as falhas na narrativa ocidental de que os russos seriam incapazes de resistir a sanções econômicas de longo prazo ou mesmo aos choques causados pela confrontação com a Otan no cenário atual do conflito na Ucrânia.

Dado todo esse conteúdo, acreditamos firmemente que este livro proporcionará uma reflexão histórica, política, social e acadêmica altamente necessária sobre um dos eventos mais marcantes do século XX, a Grande Guerra Patriótica. Para além disso, a obra presta-se a combater as campanhas de desinformação e o revisionismo mnemônico praticado pelo Ocidente com relação ao papel preponderante da União Soviética para a derrota do nazismo. Com efeito, não somente este livro, mas também o Dia da Vitória, celebrado em 9 de maio, visam honrar e trazer à lembrança as mais de 27 milhões de vidas sacrificadas pelo povo soviético em seu inestimável esforço para deter a Alemanha de Hitler. Afinal, como consta numa inscrição logo à entrada do Museu do Bloqueio de Leningrado, em São Petersburgo, “Никто не забыт, ничто не забыто” (“Ninguém é esquecido, nada é esquecido”).

Boris Perius Zabolotsky

Valdir da Silva Bezerra

Organizadores

